Fragilidade patente

Exigências de mercado e a conjuntura da pecuária leiteira dos países do Mercosul pressionam os produtores brasileiros

ALZEMAR JOSÉ DELFINO

A fragilidade da pecuária leiteira brasileira diante de Argentina e Uruguai, seus parceiros de Mercosul, tem sido perceptível nos últimos anos. As questões relativas a custo de produção sempre deram vantagem a esses países e um preço final mais competitivo nas relações intrabloco.

A triangulação láctea segundo a qual o leite da União Européia e o da Oceania têm inserção mais fácil na economia argentina e uruguaia, especialmente na argentina, foi e ainda é uma grande preocupação dos produtores brasileiros. Apesar de todos os movimentos realizados pelos produtores, a situação do leite importado se agravou em 1998, levando à extinção de muitos plantéis leiteiros. A produção cresceu menos em 1997/98, comparada à dos anos anteriores.

Concentração no longo prazo

No curto prazo deve haver ainda importantes reduções do número de produtores médios e médio-grandes, principalmente dos que operam com custos mais elevados, pequenas escalas e mão-de-obra assalariada. Simultaneamente, enquanto não ocorrer a aplicação efetiva de um novo conjunto de normas e padrões de matéria-prima, continuará grande a oferta de leite de baixo custo e qualidade. A maior parte desse leite virá de produtores familiares que operam com gado mestiço e continuará sendo dirigida ao mercado informal, que deve aumentar ainda mais sua participação relativa no curto prazo.

No longo prazo, a generalização da coleta a granel, a revisão das normas de produção e a melhoria do sistema de fiscalização associada à definição de políticas públicas farão crescer a importância relativa de um menor número de produtores especializados, que substituirão o forte contingente dos não especializados. Esse processo deverá resultar no desaparecimento de pelo menos um terço dos atuais produtores de leite. O mercado informal também deverá diminuir, aumentando a concentração do setor industrial.

Esse processo de diminuição do número de produtores ocorreu de forma acentuada entre os parceiros do Mercosul nos últimos 15 anos – ou seja, o Brasil continua em desvantagem na produção primária, não só devido a diferenças de clima, solo, mecanização, pastagens e genética mas também na própria formação da estrutura produtora, da qual os não especializados ainda são a maioria.

Antes tarde...

É alto o grau de produtividade do rebanho argentino e uruguaio diante do brasileiro. Essa diferença está caracterizada por um rebanho especializado (genética apurada para a aptidão leiteira); alimento de qualidade o ano todo (pastagens, silagens); manejo adequado; controle sanitário dos animais e capacidade administrativa dos produtores desses países para gerenciar suas propriedades. A produtividade do rebanho bovino brasileiro é baixa quando comparada à de seus parceiros do Mercosul (inclusive o Paraguai) e muito desigual entre os produtores.

O número de produtores é claramente maior no Brasil. As mudanças na atividade só começaram a ser percebidas nesta década – um pouco tarde, embora nunca seja tarde demais – e o processo de exclusão tem sido claro nos estratos de pequenos e médios produtores.

O parque industrial brasileiro de laticínios cada vez mais se empenha em obter leite de boa qualidade. A tendência pode ser atribuída à competição crescente, à exigência de consumidores mais conscientes, ao maior rendimento industrial e até mesmo às condições para exportações futuras ao grande mercado latino-americano.

Leite de boa qualidade, resfriado, com baixa contaminação bacteriana e composição físico-química de padrão internacional, tem sido implementado por alguns laticínios e cooperativas. Paradoxalmente, essas empresas têm investido mais na formação de técnicos aptos a auxiliar o produtor na mudança da capacidade produtiva e na eficiência, mas não em conceitos efetivos que contribuam para uma matéria-prima considerada de boa qualidade. Esse quadro não se identifica com o da Argentina e do Uruguai, visto que esses países já implementaram o processo de qualidade do leite há alguns anos.

Em busca do leite bom

A verdadeira revolução por que passa o setor leiteiro nacional deve alertar o produtor para que se prepare para o futuro. Quem não se adaptar

Alzemar José Delfino *é professor do Centro Universitário do Triângulo – Unit – Uberlândia, MG.*

Este artigo é parte da dissertação de mestrado defendida na Universidade Mackenzie, São Paulo, sob o título "Um estudo comparativo da pecuária leiteira nos países do Mercosul", em junho de 1999.

certamente terá dificuldade de permanecer no setor, por pressões dos laticínios e dos outros produtores, que terão consciência de que o despreparo de alguns pode estragar o seu esforço de produzir com qualidade. A mistura nas plataformas de recepção e nos caminhões-tanques nivela o leite por baixo. A remuneração final ao fazendeiro é punida por aqueles que, mantendo práticas tradicionais, não conseguem aperfeiçoar a qualidade do produto.

Esse também é o caso do Paraguai, visto que o setor leiteiro desse país passa por um processo de transformação na busca da auto-suficiência e melhoria do padrão de qualidade da matéria-prima.

A inserção mais fácil do leite da UE e da Oceania na economia argentina e uruguaia preocupa os produtores brasileiros. A situação do leite importado se agravou em 1998, levando à extinção de muitos plantéis leiteiros. A produção cresceu menos em 1997/98, comparada à dos anos anteriores.

Argentina e Uruguai dominam esse processo há algum tempo e já exportam produtos de qualidade há anos.

Ganhando competitividade

A competitividade internacional da indústria de laticínios depende hoje fundamentalmente das ações das empresas que nela atuam. As ações do governo – redução da proteção da indústria doméstica e da tributação indireta; informações técnicas para o setor produtivo e apoio à capacitação gerencial necessária – não a tornarão mais competitiva, mas contribuirão para criar condições que estimulem as empresas a investir na utilização de fatores de produção especializados, por intermédio da pesquisa e desenvolvimento, na formação de recursos humanos, na atualização tecnológica e na abertura de mercados estrangeiros.

Vantagens competitivas sustentáveis requerem investimentos contínuos e esforço constante de aprimoramento do processo produtivo, uma vez que a tecnologia leva vantagens competitivas mais sustentáveis. O Mercosul pressionou competitivamente as empresas para concorrer nesse mercado ampliado, gerando um ambiente propício à

Mercosul: vantagens e desvantagens da pecuária leiteira

Brasil

Vantagens
- Terra e pastagem abundantes
- Tecnologia facilmente acessível
- Insumos de qualidade
- Mão-de-obra farta
- Boa assistência técnica
- Produtos ávidos para crescer
- Mercado consumidor subexplorado
- Boa base tecnológica da estrutura laticinista

Desvantagens
- Rebanho mestiço
- Baixa produtividade
- Baixo grau de mecanização
- Alto percentual da produção informal (45%)
- Produção instável (maior quantidade nas águas)
- Alto custo de produção
- Baixa qualidade do produto
- Baixa sanidade do rebanho
- Importador
- Estrutura laticinista ainda em reorganização
- Baixa fiscalização do produto
- Falta de políticas públicas e privadas para a atividade
- Desorganização dos produtores

Argentina

Vantagens
- Terra fértil
- Clima propício
- Rebanho com aptidão leiteira
- Alta produtividade
- Alto grau de mecanização
- Estrutura laticinista concentrada
- Produção na economia formal (95%)
- Produção estável
- Gado livre de doenças (aftosa, brucelose, etc.)
- Baixo custo de produção
- *Know how* exportador
- Qualidade do produto
- Exportador

Desvantagens
- Pouca disponibilidade de terras
- Dependência do mercado brasileiro como importador
- Nenhuma outra forma de aumentar a produção se não aumentar o seu custo

Uruguai

Vantagens
- Terra fértil
- Clima propício
- Rebanho com aptidão leiteira
- Alta produtividade
- Alto grau de mecanização
- Gado livre de doenças (aftosa, brucelose, etc.)
- Instalações simples
- Baixo custo de produção
- *Know how* exportador
- Estrutura laticinista concentrada

Desvantagens
- Pouca disponibilidade de terras
- Dependência do mercado brasileiro como importador

Paraguai

Vantagens
- Energia farta e barata
- Boas terrras
- Gado com aptidão leiteira

Desvantagens
- Baixo grau de tecnologia na produção
- Pouca expressividade na atividade
- Desorganização dos produtores
- Falta de políticas públicas e privadas

inovação.

A tradição de exportadores da Argentina e Uruguai, ao contrário do que acontece com o Brasil, beneficia esses países na interpenetração setorial, à medida que cada um se dedique aos produtos que lhe dão vantagens competitivas.

A complementaridade de vantagens competitivas entre Brasil, Argentina e Uruguai indica que *joint-ventures* entre empresas desses países são uma estratégia compatível com o novo momento da economia mundial. As multinacionais estão mais bem posicionadas para tirar proveito dessas oportunidades, uma vez que atuam em vários países e conhecem melhor cada mercado local.

Após a desvalorização do real diante do dólar em janeiro de 1999, o volume total das importações de produtos lácteos registrou queda acentuada. Abre-se a oportunidade para que o produtor nacional comece a rever sua forma de produção, entenda que a pecuária leiteira nacional é capaz de atender o consumo interno e trate de gerar excedentes para exportar.

Atritos e soluções em vista

De certa forma os produtores nacionais têm buscado soluções para aumentar a produtividade do rebanho e atender os padrões de qualidade necessários ao produto, juntamente com as cooperativas e laticínios. Em contrapartida, não contam com o total apoio do governo no que tange a políticas específicas para a atividade.

Por outro lado, os exportadores argentinos e uruguaios baixaram os preços de seus produtos para assegurar o mercado brasileiro.

Essa situação espelha bem o atrito existente entre Brasil e Argentina, principais parceiros do Mercosul. De um lado os brasileiros acusam os argentinos de triangulação de produtos lácteos e buscam sobretaxar os lácteos argentinos e uruguaios; de outro argentinos e uruguaios lutam pela permanência da alíquota zero para lácteos e reduzem seus preços para continuarem sendo competitivos.

O governo ajudaria os produtores brasileiros agindo contra as práticas desleais de comércio dos países que exportam produtos lácteos para o Brasil e criando condições para reestruturar a pecuária leiteira nacional, que apresenta elevada relação trabalho/capital, qualificando-a como atividade estratégica para qualquer política de promoção de emprego.

A situação não é das mais promissoras, mas deixa espaço para que os setores público e privado busquem a união e delimitem metas para elevar o Brasil à categoria de grande produtor mundial, não só em volume, mas principalmente em qualidade do produto.

COMPETITIVIDADE II

Mau humor

O agricultor argentino faz cara amarrada para o esfriamento das atividades nas cadeias produtivas

LUIZ ANTONIO PINAZZA

Depois de a colheita ter se reduzido 17% na última safra, todos os sinais apontam para uma contínua desaceleração no ritmo da safra argentina 1999/2000. O quadro frustrante preocupa o empresário rural, que ao longo dos anos 90 foi responsável por uma injeção de cerca de US$8,2 bilhões em investimentos no campo.

Essa reviravolta quebrou um ciclo de intensa euforia no país. Autoridades públicas e privadas se gabam do sucesso das profundas reformas econômicas que empreenderam. Da lista consta a lei da conversibilidade da moeda, tratada como um marco. Mas as demais – reconversão do Estado, desregulamentação econômica, abertura comercial e estabilidade inflacionária, a constituição do Mercosul e o programa de privatizações – não ficam ofuscadas.

Ascensão e crise

No caso específico do agribusiness, entre 1990 e 1998 o desempenho foi notável. Enquanto a produção agrícola se expandia em 82%, a comercialização de agroquímicos subia 131% e a fabricação de tratores e colheitadeiras aumentava, respectivamente, em 60% e 240%. Na transformação, a indústria de oleaginosas cresceu 51%, a de lácteos 31% e a avícola 16%. Os números falam por si.

Uma das grandes forças motrizes desse movimento expansionista proveio diretamente da estratégia de ocupação crescente das agroexportações. Aproveitando uma conjuntura favorável, a Argentina se tornou rapidamente o quarto maior fornecedor de grãos no mundo: em milho é o segundo e na soja é o terceiro. Somente em 1998, o país colocou a formidável quantidade de 50 milhões de toneladas no mercado internacional, dos quais unicamente a soja respondia por mais de 11 milhões. Um feito memorável.

Com a crise financeira deflagrada no Sudoeste asiático em julho de 1997, o cenário externo foi adquirindo outra con-